

CONFLITOS TERRITORIAIS EM FAXINAIS: ESTUDO DE CASO EM PINHÃO PARANÁ

Reginaldo de Lima CORREIA¹

Marquiana de Freitas Vilas Boas GOMES²

RESUMO

A instalação da indústria madeireira, o processo de modernização da agricultura juntamente com políticas de povoamento do Paraná, provocou uma série de conflitos territoriais no campo. Nas áreas de floresta, o processo de ocupação justificou, por vezes, o desmatamento e deixou o Paraná com poucos remanescentes florestais, muitos destes ocupados por povos tradicionais que resistem ao processo modernizador e à substituição das florestas por monoculturas. Dentre estes povos destacam-se os faxinais, que são uma organização social, cultural e ambiental característica da Mesorregião Centro-Sul do estado do Paraná. A pressão de diferentes segmentos sociais (latifundiários, madeireiras, industriais, etc.), provoca uma série de conflitos entre os faxinalenses, que tem na terra o valor de uso, e os demais segmentos cujo interesse é o valor de troca. Nesse contexto, nosso objetivo neste artigo é problematizar os conflitos no Faxinal dos Ribeiros, situado no município do Pinhão, Paraná. Para isso, realizamos pesquisa qualitativa, com observação participante. Os dados aqui apresentados fazem parte do trabalho de dissertação do autor.

Palavras chave: Conflitos. Faxinais. Território. Transformações.

¹ Mestre em Geografia, egresso Universidade Sem Fronteiras – UNICENTRO.

² Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICENTRO.

TERRITORIAL CONFLICTS IN FAXINAIS: CASE STUDY IN PINHÃO PARANÁ

ABSTRACT

The installation of the timber industry, the process of agricultural modernization, along with the Paraná population policies, triggered a series of territorial disputes in the field. In forest areas, the process of occupation justified at times the deforestation, and left the Paraná with few remaining forests, many of these occupied by traditional people that are resistant to modernization process and the replacement of forests by monoculture. Among these the highlights are the faxinais, which are a social organization, cultural and environmental characteristic of Mesoregion Center South of Paraná state. The pressure from different social groups (landowners, logging companies, industry, etc.), cause a series of conflicts between faxinalenses, who has in the land the use value, and the other segments, whose interest is the exchange value. In this context, our goal in this article is to problematize the conflicts in Faxinal of Ribeiros, located in Pinhão Town, State of Paraná. For this, we conducted qualitative research with observation of the participating members. The data presented here are part of the author's thesis work.

Keywords: Conflicts. Faxinais. Territory. Transformations.

1 INTRODUÇÃO

A Mesorregião Centro-Sul do Paraná é marcada pela presença da floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária ou Mata de Araucária), que em conjunto com os fatores econômicos, políticos e sociais, que remontam de forma indireta a atividade pecuária dos Campos Gerais no século XVIII, e mais diretamente à atividade ervateira na região da floresta com Araucária no século XIX, proporcionaram o desenvolvimento de um sistema social bastante característico desta mesorregião, o Sistema Faxinal.

Entende-se por Sistema Faxinal as terras tradicionalmente ocupadas para o uso comum de pastagens e florestas no Paraná, em que a produção familiar, de acordo com suas possibilidades, combinam apropriação privada e coletiva dos recursos naturais (SAHR, 2008; GOMES, 2012; HAURESKO, 2012).

No sistema faxinal o controle e o uso dos recursos, especialmente pastagens nativas, água, produtos florestais madeiráveis e não madeiráveis - considerados essenciais à existência física e social - é exercido de maneira livre e aberta, conforme normas específicas, definidas pelo grupo.

Este sistema, atualmente, vem passando por um intenso processo de desintegração. Em 2004, o levantamento realizado por Marques³ identificou apenas 44 comunidades rurais caracterizadas como faxinais. Este dado, porém, foi questionado pela Articulação Puxirão⁴, que por meio de outro levantamento, considerou a existência de aproximadamente 200 faxinais, número que supera as unidades do levantamento de Marques.

Esta contradição se explica porque o levantamento de Marques (2004), bem como as políticas públicas do Estado para os povos faxinalenses⁵, é baseado em um trabalho sociológico de 1985, realizado por Chang (1988), que utilizava um conjunto de elementos para classificar o sistema, principalmente, o criadouro comunitário e que por meio das mudanças observadas à época,

³ Este levantamento foi realizado num período de três meses, através de “amostragem mínima” de faxinais e municípios a serem visitados e o número de famílias a serem entrevistadas por faxinal. Também vale atentar que este leva em consideração a chamada tendência “evolucionista” que afirmam o desaparecimento dos faxinais (SOUZA, 2009).

⁴ A Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses é um movimento organizacional dos faxinalenses criado no ano de 2006, que traz em sua pauta de reivindicação o acesso a seus direitos territoriais resultantes de sua identidade étnica (HUARESKO, 2012).

⁵ Trata-se de uma autodenominação, dos moradores dos faxinais, sendo uma questão indenitária, que podem ser entendidas em seus aspectos socioambientais como condição de existência, caracterizada pelo seu modo de viver. Este modo de viver, se dá pelo uso comum das terras tradicionalmente ocupadas, conciliando as atividades agrossilvipastoris com conservação ambiental, visando à manutenção de sua reprodução física, social e cultural (PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL, 2008).

projetava o fim deste sistema social em apenas 10 a 12 anos. Há uma diferença substancial entre o conceito/concepção do sistema proposto por Chang e apropriado por Marques (2004) e a Rede Puxirão, que explica esta contradição nas pesquisas.

Estudos organizados por Almeida e Souza [orgs], (2009), demonstram que os faxinais são permeados por vários conflitos territoriais, o que têm levado a diferentes formas de resistência e têm criado novas territorialidades que, muitas vezes, se diferenciam daquelas descritas por Chang (1988) e que são consideradas oficiais. Os povos de faxinais se recriam a partir de um conjunto de processos transformadores do sistema e isto não necessariamente pode ser tomado como extinção do faxinal, mas como novas formas de organização.

O fato é que, passados praticamente 30 anos da pesquisa realizada por Chang e 10 anos do levantamento de Marques (2004), ainda observamos que este sistema se mantém em alguns Municípios do Estado do Paraná.

O município de Pinhão, na Mesorregião Centro-Sul ainda preserva grandes áreas remanescentes da Floresta com Araucária, na qual o Sistema Faxinal resiste, mas neste município, assim como em outras mesorregiões do Estado, os faxinais sofreram importantes transformações em meio a diferentes conflitos territoriais.

Desta forma, procuramos identificar e apresentar os conflitos territoriais no Faxinal dos Ribeiros através de um levantamento histórico, buscando entender as transformações ocorridas nesse faxinal para posteriormente compreendermos os conflitos que ocorrem atualmente.

Para isso, utilizamos a pesquisa qualitativa em razão da natureza do nosso objeto, pois nos proporcionará analisar com mais profundidade a realidade que estamos estudando, principalmente, por se tratar de conflitos territoriais que envolvem grupos sociais.

Uma das principais especificidades da pesquisa qualitativa é que ela é realizada através da relação dialógica entre os sujeitos, que aparecem, se cruzam e se sobrepõe com saberes e conhecimentos sobre um fenômeno que ajudam a aguçar a necessidade por uma metodologia (Scribano, 2008). Desse modo, na pesquisa qualitativa é importante a imersão do pesquisador no contexto de interpretar e interagir com o objeto estudado e a adoção de uma postura teórico-metodológica para decifrar os fenômenos (PESSÔA, 2012).

Um fator importante em uma pesquisa qualitativa é a definição, por parte do pesquisador, de seus instrumentos e das técnicas a serem utilizadas para responder as indagações propostas e que, segundo Pessôa (2012), devem estar em consonância com o método de interpretação. Esses

instrumentos metodológicos nos ajudam na percepção, pois para aplicar uma metodologia de forma adequada são necessárias técnicas de investigação pertinentes e que sejam fundamentadas teoricamente (Scribano, 2008). Assim, escolhemos a observação participante e as entrevistas como técnicas de coleta de dados primários.

Através da observação participante, o pesquisador analisa a realidade social que o rodeia, tentando captar os conflitos e tensões existentes e identificar grupos sociais que têm em si a sensibilidade e motivação para as mudanças necessárias (Queiroz et al, 2007). Através desta afirmativa, tentamos identificar no Faxinal dos Ribeiros, no recorte espacial da pesquisa, os grupos antagônicos e os processos conflituais e por meio das entrevistas identificar os conflitos.

Assim, apresentamos este trabalho a fim de caracterizar as principais transformações na Mesorregião Centro-Sul do Paraná e suas implicações nas áreas de faxinal. Em seguida apresentamos o estudo de caso no Faxinal dos Ribeiros, os conflitos identificados e os seus principais agentes. Os dados aqui apresentados fazem parte do trabalho de dissertação do autor.

2 AS TRANSFORMAÇÕES NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ E NOS FAXINAIS DO MUNICÍPIO DE PINHÃO: HISTÓRICO DE CONFLITOS

A região Centro-Sul do Paraná (Figura 01), sofreu importantes transformações nas últimas décadas, principalmente no aspecto socioambiental. Essas mudanças não puderam ocorrer sem conflitos, pois os espaços, aparentemente “ociosos” e carentes de “desenvolvimento”, eram ocupados por diferentes sujeitos sociais que viviam à margem do sistema econômico, mas que dispunham tanto dos espaços cedidos, quanto dos florestados, para produzirem o necessário à sua subsistência e reproduzirem suas práticas culturais (GOMES, 2012). Entre esses sujeitos, existem aqueles que vivem organizados em forma de sistema faxinal.

Por sistema faxinal entende-se as terras tradicionalmente ocupadas para o uso comum de pastagens e florestas no Paraná, em que a produção familiar, de acordo com suas possibilidades, combina apropriação privada e coletiva dos recursos naturais (SAHR, 2008; GOMES, 2012; HAURESKO, 2012)

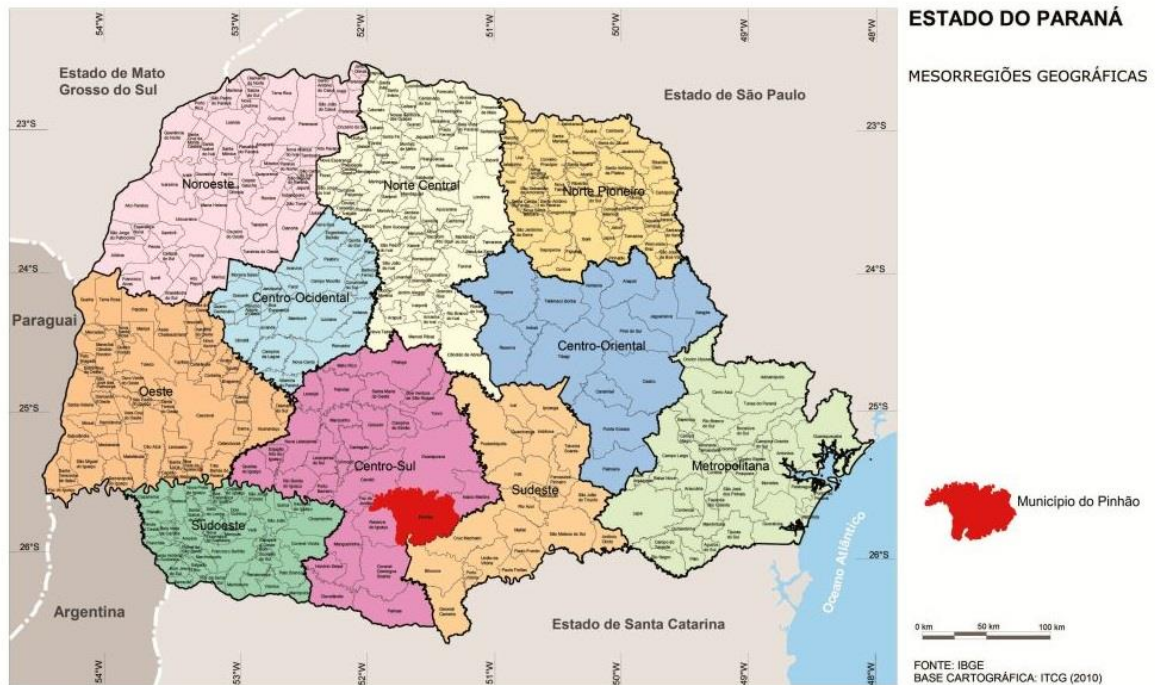


Figura 01: Mesorregião Centro Sul do Paraná com destaque para o Município de Pinhão
Fonte: IPARDES (2014), adaptação de Correia e Gomes (2014).

Entender os conflitos nos territórios faxinalenses no Paraná implica em considerar diferentes fatores históricos, políticos, econômicos e sociais no Estado, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

Na Mesorregião Centro-Sul do Paraná, estes processos conflituais conduziram, sobretudo a mudança na apropriação social do território e na paisagem. Em relação à paisagem, chama-nos a atenção os poucos remanescentes da Floresta com Araucária (Figura 02), que têm sido fundamentais ecologicamente e socialmente, principalmente, quando associamos a floresta ao modo de vida de muitos sujeitos sociais, cuja organização social está diretamente relacionada com este ambiente.

O sistema faxinal é uma dessas organizações, pois a organização produtiva, social e cultural integra de forma muito particular os povos e as Florestas com Araucárias, numa simbiose responsável, de um lado, pela manutenção do sistema faxinal e, do outro, pela própria sobrevivência dos Pinheirais.



Figura 02: Floresta com Araucária, vegetação típica dos faxinais

Fonte: Correia (2014), Trabalho de Campo.

A mesorregião tem se configurado pela pluralidade do uso da terra de acordo com os grupos sociais que foram se apropriando socialmente da natureza. O caboclo e os primeiros imigrantes contribuíram com a criação coletiva de animais nas florestas e com a agricultura de subsistência e os descendentes de imigrantes italianos, poloneses, alemães, contribuíram com a manutenção da tradição da agricultura familiar (GOMES, 2012).

A pressão da ação do homem sobre as áreas florestais foi mais intensa a partir de 1940, relacionadas diretamente às iniciativas públicas e privadas, ligadas a interesses de povoamento do Paraná e de exploração dos recursos naturais. Gomes (2012) nos explica, que estes fatos levaram a um cenário socioambiental no qual se consolidou a desigualdade, a concentração de renda e a degradação ambiental, combinando a perda da biodiversidade com a injustiça social.

A mesorregião do Centro-Sul, possuía uma grande reserva de *Araucárias Angustifólia* ou, como é conhecido, Pinheiro do Paraná. A atuação das madeireiras e serrarias reduziram drasticamente as áreas florestais. O uso extensivo da floresta com Araucária proporciona aos faxinais, certo equilíbrio dinâmico, que embora impacte a floresta, permite certa regeneração deste sistema ecológico (GOMES, 2012).

Hauresko (2012) afirma que os faxinais em seu modelo original, consistiam em uma agricultura extensiva, praticada fora das áreas de mata, muitas vezes, denominada de capoeira ou cultura que não tinha valor comercial, e por isso os faxinalenses à maneira indígena, derrubavam esta mata, queimavam e produziam o seu alimento.

Enquanto as matas, ricas em pinheiros e erva-mate, com alto valor comercial, eram preservadas justamente para manter o alimento dos animais e a extração da erva-mate para consumo e, principalmente, comercialização, além do aproveitamento da madeira, os faxinalenses buscaram aperfeiçoar, ainda mais, o aproveitamento das áreas de faxinais, transformando-as em criadouro de animais.

No município de Pinhão, onde se localiza nosso estudo de caso (Figura 03), a forma de apropriação do território também se assemelha com o apresentado por Hauresko (2012), mas com suas especificidades.



Figura 03: Localização do Faxinal dos Ribeiros: área de Estudo

Fonte: Articulação Puxirão dos povos faxinalenses, organização Correia e Gomes (2014).

O termo faxinal é bastante comum no vocabulário dos municípios de Pinhão, fato evidente pelo grande número de localidades que carregam o nome de “Faxinal”. Geralmente, ao Faxinal é adicionado o sobrenome de alguma família bastante numerosa e que são indicados como os primeiros moradores. Como exemplo podemos citar as localidades de Faxinal dos Albinos, Faxinal dos Carvalhos, Faxinal dos Coutos, Faxinal dos Françaes, Faxinal dos Ferreiras, Faxinal dos

Ribeiros e Faxinal dos Silvérios. Quando não associados aos nomes familiares, o faxinal recebe adjetivos de elementos da natureza ou de valores sentimentais e religiosos, tais como: Faxinal dos Taquaras, Faxinal Bom Retiro, Faxinal São Roquinho, Faxinal do Céu, Faxinal Poço Grande (MEIRA, et al, 2009).

Porto e Ayoub (2013) nos proporcionam uma reflexão através da contextualização histórica do Município de Pinhão no contexto dos processos de ocupação territorial no Paraná, que nos permitem refletir sobre os conflitos nessas áreas.

Segundo Porto e Ayoub (2013), as primeiras ações oficiais de ocupação⁶ dos limites territoriais do Município⁷, remontam à ocupação portuguesa no período colonial, no fim do século XVIII. Por situar-se nas divisas dos Campos de Guarapuava com as áreas de floresta com araucária e com a presença de grande quantidade de ervais nativos e de madeiras de lei como Imbuais e Pinheiros, houve a inserção econômica destas áreas nos ciclos da erva-mate e, em seguida, da madeira (PORTO E AYOUB, 2013).

Porém, ressaltamos que essa relação com vários ciclos econômicos significativos no processo de ocupação e consolidação do povoamento oficial do Paraná, não teve uma representativa inserção produtiva capitalista nas áreas com floresta do município, no qual, ainda hoje tem parte do território ocupado por uma população tradicional, constituída ao longo dos séculos XIX e XX. (PORTO e AYOUBY, 2013).

Pelo fato do município de Pinhão possuir fortes vínculos com o município de Guarapuava, nas áreas de campos se desenvolviam as atividades ligadas ao sistema campeiro, reconhecido como espaço das elites ([A chamada elite campeira]; GOMES, 2012).

Já as regiões de floresta passaram por um processo de ocupação menos sistemático, levados adiante pela população nativa (caboclos) e por outros indivíduos, vindos de outros estados e do exterior, onde a posse da terra se consolidava, principalmente, através do trabalho, ou seja, o trabalho era o grande legitimador que dava direito à terra (PORTO E AYOUB, 2013).

Neste período, que se circunscreve, sobretudo entre o final do século XIX e início do século XX, aproximadamente 1930, as áreas de floresta eram pouco exploradas pela sociedade

⁶ Porto (2013) nos lembra que na história do Município há um silêncio com relação as populações indígenas e uma dissolução destas à categoria de caboclo.

⁷ O município de Pinhão foi integrado a Guarapuava até 1964, quando se emancipou pela Lei 4823, com uma área de 3.017,27 Km²(GOMES, 2012).

campeira. A floresta ganha outra conotação para este grupo social a partir da exploração da madeira e da chegada das serrarias (GOMES, 2012).

Assim Porto e Ayoub (2013) afirmam que o povoamento disperso nas áreas de mata, juntamente com a baixa densidade demográfica, fez com que essas áreas permanecessem como fronteiras abertas a novos habitantes até metade do século XX.

Porém, a partir de 1950, a realidade do município de Pinhão se modificou, sendo marcante a instalação da indústria madeireira na região, a indústria João José Zattar S/A⁸ que explorou amplamente as florestas com araucárias do município.

3 A CHEGADA DA INDÚSTRIA ZATTAR/S.A., DAS PESSOAS “DE FORA” E OS NOVOS CONFLITOS NO FAXINAL DOS RIBEIROS/PINHÃO-PARANÁ

Com a chegada da Indústria Zattar e suas serrarias houve grandes transformações no território, no ambiente e na vida da população, podemos citar o exemplo do direito à terra que, até então era estabelecido através da posse no sistema faxinal e passa a ser por titulação. Amplia-se também os interesses econômicos nas áreas de faxinais, principalmente, pela exploração do mate e das madeiras de lei.

As áreas de mata, vistas como “ociosas” pelo estado, já eram habitadas tradicionalmente pelos faxinalenses quando a indústria ali se instalou, fato que deu início há inúmeros conflitos com a madeireira. Os faxinalenses foram proibidos de deixar seus animais soltos como tradicionalmente o faziam, foram obrigados a construir cercas que, desde então, passaram a compor a paisagem faxinalense.

Outros conflitos dizem respeito as queimas de casas e de paióis, matanças de animais, ameaças de morte, tiroteios contra casas e assassinatos, sempre quando os faxinalenses se recusavam a cumprir com os termos da empresa (AYOUB, 2013).

Segundo Ayoub (2013) a indústria chegou a possuir sete mil escrituras de terra no município de Pinhão, a qual relata que a grande obtenção de alqueires foi possível porque os

⁸ A Indústria madeireira João José Zattar S.A. foi fundada em 1943, iniciando sua atuação com uma serraria no atual município de Teixeira Soares (então pertencente à Irati) de onde se deslocou para Pinhão na década seguinte, seguindo a marcha das serrarias (Salles, 2013).

contratos de venda de pinheiros eram, na verdade, contratos de venda das terras, pois a população, que naquela época era maioria analfabeta, assinavam contratos confiando que estavam vendendo o “pinheiro em pé”⁹, mas estavam abrindo mão de suas propriedades. Esse processo de grilagem, através da assinatura de contratos, persistiu desde a década de 1950 até finais da década de 1980.

A Indústria Zattar não restringiu suas atividades somente à exploração da madeira, mas diversificou-as. Nas áreas de faxinais a indústria passou a trabalhar com o extrativismo de erva-mate e nas “terras de cultura”¹⁰ soltou cabeças de gado. A erva-mate é uma importante fonte de renda das famílias, quando a indústria passa a fazer o extrativismo, iniciam-se além de uma série de conflitos, graves problemas de ordem econômica e de sobrevivência dessas populações.

A população, porém continuou residindo nas áreas que a indústria havia documentado em seu nome, mas foram obrigados a estabelecer contratos de arrendamento, nos quais, a população não poderia retirar nenhum tipo de material vegetal das terras e deveriam pagar um terço da produção em troca do direito de continuar morando nessas áreas (AYOUB, 2013).

Os conflitos então tenderam a aumentar devido a necessidade da retirada de materiais vegetais por parte dos faxinalenses (principalmente a erva-mate) e a pressão exercida pela indústria através de seus seguranças (guardas, ou jagunços, como popularmente, são conhecidos em Pinhão, que constituía uma certa “segurança patrimonial” armada e que andava com uniformes típicos [Ayoub, 2013]).

Porto e Ayoub (2013) lembram que a década de 1970 é o momento em que ocorre a exacerbação dos conflitos e que os moradores associam, principalmente, a intimidação da madeireira no sentido de controle do território – através da obrigatoriedade de assinatura, por aqueles que não possuíam a documentação de suas terras.

Na década de 80, a empresa passa a realizar a medição¹¹ e o levantamento de suas áreas, e no fim dos anos de 70 e início de 1980 passa a vender essas terras para sítiantes de fora do

⁹ Forma de aquisição dos Pinheirais pelas serrarias, mantendo a terra para o dono original. Esta forma foi muito utilizada no Paraná, porém, muitas famílias foram enganadas com os documentos e outras foram até ameaçadas (Gomes, 2012).

¹⁰ Trata-se de terras utilizadas para produção de alimento. Estas áreas são denominadas de Terras de Plantar, Terras de Cultura ou Paiol pela população local.

¹¹ Segundo entrevista realizada em 12/05/2014, com Senhor A.C. em sua casa, foi a partir da década de 1970, que a Indústria Zattar passa a realizar o levantamento de suas áreas bem como a medição, e que aqueles que possuíam os documentos da terra, que era uma minoria, tinham suas áreas delimitadas, porém a grande maioria eram posseiros e não possuíam os documentos, sendo assim a Indústria passou a ser a proprietária de mais de 70% de Faxinal dos Ribeiros.

município de Pinhão. Todavia, esses sitiantes que adquiriam as terras foram impedidos de obter a documentação dos seus terrenos, pois estes haviam sido penhorados pela indústria.

Esses sitiantes, vindos de outras localidades, tornaram-se agentes com os quais os antigos moradores tiveram de negociar divisas e usos do território. Já os fazendeiros e alguns outros pequenos proprietários, vindos de fora do município de Pinhão, marcaram ainda mais o quadro de conflitos com os moradores tradicionais e Segundo AYOUB (2013, p. 178):

A chegada dos “vindouros” estabeleceu, por um lado, nova tensão com os moradores locais, devido às diferentes concepções de produção dos dois grupos – o primeiro tendo como base de seu sistema a agricultura e a criação fechada, e o segundo a lavoura protegida e a criação aberta de animais. Gerou, também, uma nova categoria de “posseiros”: não mais aqueles que não possuíam documentos de propriedade por terem ocupado o território no sistema de terras livres, mas também aqueles que, embora comprando suas terras, não tiveram acesso aos documentos devido às irregularidades no processo de venda.

Desta forma: Sonda e Bergold (2013, p. 19), alertam para as implicações desse processo:

Os interesses conflitantes sobre o uso e ocupação de um mesmo território gera disputas territoriais: grilagens, titulações ilegais ou que dão a terra como um privilégio, genocídio das populações tradicionais, ocupações de terra praticadas pelos movimentos sociais de luta pela terra, reintegrações de posse, ações de usucapião, processos de regularização fundiária, ações judiciais envolvendo demarcação de territórios indígenas e quilombolas, entre outras.

Porém, essa parcela da população vinda de outros estados ou outras cidades, nem sempre tem sinônimo de desintegração e conflitos. Há casos de famílias que se adaptaram ao sistema faxinal, mas isso ocorre, principalmente, com aquelas que chegaram a mais de 50 anos no Faxinal dos Ribeiros, anteriormente a Indústria Zattar, adaptando-se ao modo de viver e produzir. Identificamos que essas famílias vieram, principalmente, do Norte de Santa Catarina e do Sudoeste do Paraná, atraídas pela grande quantidade de terra existente e pelo boato de que não havia ninguém as ocupando. Segundo relatos, essas famílias souberam destas terras por meio dos tropeiros que vinham para os campos de Guarapuava, passando por Palmas e, conseqüentemente, pelos campos de Pinhão e Reserva.

Existem também aqueles “novos moradores” que se adaptaram parcialmente, principalmente, no que se refere às práticas de extração da Erva-Mate e do Pinhão ao modo faxinalense, mas não entendem o princípio do uso comunal da terra.

Muitos vieram atraídos pela Reforma Agrária promovida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a partir dos anos de 1990, que culminou com a criação do Assentamento de Reforma Agrária Quinhão 1G, dentro do faxinal, inserindo dessa forma inúmeros sujeitos sociais, estranhos a cultura faxinalense nesse território.

É importante lembrar que vários faxinalenses que já estavam nestas terras foram assentados oficialmente por meio deste processo de reforma agrária, pois até então, eram considerados posseiros¹², ou seja, os faxinalenses já viviam nessas terras e o INCRA apenas os documentou como assentados. Esse assentamento se deu sobre as já citadas áreas da Indústria Zattar.

Podemos afirmar que os maiores confrontos se deram com a Indústria Zattar e que após esta encerrar suas atividades, os confrontos praticamente desapareceram. Hoje os conflitos que estão se intensificando são com os novos moradores, ou seja, pessoas que vieram de outras regiões, que chegaram nesses últimos cinco anos e que em nada se adaptaram ao modo de vida faxinalense. Estes trazem junto consigo uma lógica e uma ideologia totalmente diferente, seja na produção, na cultura ou na relação com o ambiente.

Os novos moradores fazem uso das terras, que pertenceram a Indústria Zattar e que foram ocupadas anteriormente por madeireiros ou no dizer dos faxinalenses “garimpeiros de madeira”. Esses sujeitos também são pessoas de fora, que tem por objetivo a retirada dessas madeiras nobres da floresta e após o esgotamento (principalmente Pinheiro e Imbuia), vendem as terras de modo irregular para terceiros, que geralmente não tem conhecimento do que seria o sistema faxinal.

Com esses novos moradores os conflitos geralmente estão relacionados à criação de animais à solta e que acabam entrando nas áreas destinadas a plantações de soja e de pastagem mecanizadas, porém aqueles que se denominam proprietários ou arrendatários destas áreas acabam matando os animais ou maltratando, fator que causa grande prejuízo aos faxinalenses, que acabam confinando os animais.

Outro conflito notado é em relação às atividades de apicultura que os faxinalenses desenvolvem em meio à floresta, esses novos moradores consideram as abelhas um perigo para o rebanho leiteiro e, conseqüentemente, pedem aos faxinalenses a remoção das caixas de apicultura

¹² O posseiro pode ser caracterizado como aquele que se estabelece em terras ainda não regularizadas, seja de proprietários, ou do governo, estando sujeitos ao “despejo” (expulsão dos sujeitos da área ocupada), quando surge um proprietário com o título da área, quer seja verdadeiro ou falso (AYOUB, 2013).

de perto das cercas de divisa. O faxinalense, assim como o agricultor familiar ou outros sujeitos do campo, desenvolveu uma cultura baseada na “política da boa vizinhança”, em que as relações devem ser desenvolvidas levando em consideração que, em algum momento, ele precisará do auxílio do vizinho, assim, retira as caixas de apicultura, para evitar conflitos.

Existem os casos de terrenos que são arrendados para agricultores de fora, que também não entendem o sistema faxinal e que nem mesmo moram na comunidade, estes para amedrontar os faxinalenses, constroem um discurso que matarão as criações de animais se eles entrarem nas plantações, além de terem que arcar com os prejuízos, chegando a casos em que arrendatários e faxinalense acionam a justiça para resolução do conflito.

Quando ocorrem estes casos, os faxinalenses recorrem a uma lei municipal (Lei 1354/2007) que reconhece os faxinais no município, porém o que observamos da última vez em que aconteceu esse tipo de conflito em ordem judicial, foi que o promotor de justiça, recém-chegado ao município, sem conhecimento da lei municipal, deu causa ganha ao arrendatário e mandou o faxinalense fechar os animais, o que gerou grande medo e receio, fazendo com que alguns fechassem seus animais ou até mesmo vendessem para não criar mais conflitos.

Existem também os conflitos de ordem ambiental. Os faxinalenses reclamam dos órgãos de proteção ambiental do estado, principalmente da Policia Ambiental (Força Verde) e do IAP (Instituto Ambiental do Paraná), por muitas vezes não fiscalizar e punir devidamente aqueles que estão implantando a agricultura mecanizada na área, já que estes desmatam grandes áreas no faxinal.

Os faxinalenses lembram que estes derrubam enormes áreas de florestas com espécies protegidas por lei, como o pinheiro e que, muitas vezes, a Policia Ambiental vem até o local, mas depois que retornam a sua base, a devastação continua.

Já o faxinalense quando tenta pedir a autorização para derrubada de uma árvore para melhoria de sua residência, não consegue. Desta forma o faxinalense faz a retirada clandestina que, muitas vezes, se resume em apenas uma árvore derrubada, porém a Policia Ambiental acaba atuando-o.

O mesmo acontece com os chamados “garimpeiros de madeira”, que entraram nas áreas da Indústria Zattar e retiraram enormes cargas de madeira, que segundo os faxinalenses, chegam a mais de mil nos últimos cinco anos e que também não tiveram nenhum impedimento por parte dos órgãos de proteção ambiental.

Esses “garimpeiros de madeira” podem ser caracterizados como antigos moradores (que venderam suas terras), ou pessoas de fora do município de Pinhão que, após a falência da Indústria Zattar, passam a ocupar as áreas retirando, principalmente, os produtos madeiráveis (Pinheiros e Imbuías). Estes também não residem na localidade e a área é apenas destinada a retirada dos produtos madeiráveis e para fins de lazer, pois geralmente moram na sede do município.

Aproveitando da falência da indústria para a exploração da floresta, reivindicando essas áreas para si, causando decepção aos faxinalenses que argumentam que há mais de quarenta anos lutam pela titulação da terra, que abrem mão de vários desejos para preservar a floresta, esses “novos moradores” chegam e vão destruindo tudo. Neste sentido o faxinalense carrega consigo um instinto de “guardião da floresta”, o que leva a denúncia dos sujeitos aos órgãos ambientais, mas que não encontram retorno algum perante estes.

Então quando questionados sobre por que não se inserir nesse modo de produção que traz resultados praticamente imediatos com lucros e bens, a maioria responde que estes “novos moradores” já vêm com recurso para a comunidade, chegam e investem pesado, e que eles não tem esses recursos. O faxinalense alega também que esse não é o estilo de vida dele, que sempre sobreviveu à base do extrativismo e de atividades relacionadas à floresta, agricultura, e práticas agrosilvopastoris, acreditando que a floresta garantirá a permanência deles no campo.

Ao mesmo tempo, as atividades agrosilvopastoris é que tem criado os maiores conflitos dentro de vários faxinais, desta forma criam-se vários discursos contra a prática faxinalense de criação à solta conforme relatamos a seguir.

O primeiro é o discurso sanitarista sobre a criação dos animais soltos, que estes transmitiriam doenças como a cisticercose e neurocisticercose, entre outras doenças, através do consumo da carne do animal contaminado. Fato que não podemos negar, pois, a exemplo, o porco é hospedeiro do parasita, porém levamos em consideração as mesmas observações feitas pelos faxinalenses¹³:

Antigamente existia porque ninguém tinha banheiro, mais hoje a realidade é outra, todo mundo tem, não se encontra mais porco contaminado, seco, pesteados, são todos saudáveis. Por isso eu tenho mais confiança em comer esses animais que eu sei como são tratados, que são saudáveis e crioulos, do que comer um frango daquele que tem um peitão, mais que é só hormônio.

¹³ Entrevista com o faxinalense A.G., realizada em 12/07/2014, em sua casa, por questões de sigilo usaremos iniciais fictícias para os entrevistados.

O segundo discurso é o preservacionista, que consiste em generalizar que os animais destroem as nascentes de água, além de ocasionar e aumentar a erosão do solo e impedir a regeneração da floresta.

Porém se encontramos tais fatos nos faxinais, estes são resultado da redução das áreas para reprodução do sistema, assim, os animais ficam circunscritos aos mesmos locais, diminuindo as possibilidades de regeneração das áreas. Tal situação tem sido utilizada por pesquisadores para justificar o impacto ambiental dos faxinais na erosão de solos. Embora não se possa negar este fato, defendemos que a degradação dos faxinais é proporcionalmente menor do que outras práticas agrícolas, como o cultivo da soja, na qual a perda de solo é muito significativa.

O que atualmente se percebe é um reflexo de um processo histórico de luta pela terra e pela permanência na terra, por preservação de suas identidades. Independente da sua condição social e de posse da terra, com ou sem título, natural do município de Pinhão ou descendentes de famílias que vieram de outras localidades para o município nas áreas de faxinais, os faxinalenses possuem um modo de ser e estar neste território.

Pode-se dizer então que no caso de Faxinal dos Ribeiros, área estudada, “ao doar as terras para a empresa, o Estado ignorou a grande quantidade de posseiros que viviam na região em sistema faxinal” (GOMES, 2009, p. 212), e ainda como afirma PORTO-GONÇALVES ao tratar sobre a expansão do modelo agrário moderno-colonial (2006, p. 258):

[...] Antes de tudo, esse modelo de expansão agropecuário ignora outros sistemas de uso da terra que, como vimos, combinavam diferentes modos a agricultura e a pecuária com os extrativismos, o que tem trazido consequências socioambientais graves.

Ao retirar as possibilidades de reprodução do sistema faxinal, a nova ordem produtiva ampliou os problemas sociais na região e, como citado, também desintegrou em parte uma forma singular de relação entre sociedade e natureza, um modo de se relacionar com a terra, realizado por caboclos, desde o século XIX e que também foi adotado, com adaptações, pelos colonos eslavos, poloneses e ucranianos, no final do mesmo século (HAURESKO, 2012).

Os casos supracitados são apenas exemplos de conflitos oriundos da expansão das serrarias, do desmatamento e da modernização da agricultura na região de Guarapuava. Atualmente, o cenário envolve, além desses, outros conflitos, não só sobre a posse da terra, mas também sobre a presença das áreas de proteção ambiental [...] (GOMES, 2012, p.220).

Neste sentido chamamos a atenção para Gomes (2012) quanto aos conflitos devido às áreas de proteção ambiental que, no Faxinal dos Ribeiros em torno da criação de uma área regulamentada de uso sustentável – ARESUR –, tem chamado bastante atenção.

As ARESUR, foram criadas em 1997, através do Decreto Estadual 3.446/1997, com a intenção de melhorar as condições para a melhoria da qualidade de vida das comunidades residentes e a manutenção do seu patrimônio cultural, conciliando as atividades agrosilvopastoris com a conservação ambiental. Inclui-se também a proteção da *araucária angustifolia*, através do recebimento por parte do município de ICMS Ecológico - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço (PARANÁ, 1997).

Assim, devido aos processos que devastaram grande parte da floresta, entre estes podemos citar a extração de madeiras nobres pela Indústria Zattar (Imbuías e Pinheiros), o processo de desmatamento para implantação de lavouras, a extração de carvão vegetal e mais recentemente o retorno da exploração da madeira por “garimpeiros”, bem como o aumento do desmatamento ocasionado pela implantação do agronegócio a Articulação Puxirão buscou a criação de uma ARESUR em Faxinal dos Ribeiros, principalmente, com o objetivo da preservação do modo de vida deste povo.

Porém, vemos nesse processo, inúmeros conflitos desde ideológicos, políticos e de interesses pessoais, e que a população carrega inúmeras dúvidas sobre a ARESUR que necessitam ser esclarecidas. Grande parte dos faxinalenses não sabem do que se trata uma ARESUR e muitas vezes acabam gerando algumas confusões, conforme veremos a seguir.

Durante as entrevistas era comum ouvirmos concepções sobre o que seria a ARESUR: “A ARESUR seria deixar tudo num só como antigamente, tirar as cercas, como era antigamente, fazer o que o Zattar fez, tomar os terrenos”¹⁴. Vemos que muitos associam a criação de uma ARESUR, com a expropriação gerada pela Indústria Zattar, pois, segundo informações de terceiros seria o que aconteceria no caso de sua criação ou como nas palavras do faxinalense¹⁵:

¹⁴ Entrevista realizada em 12/07/2014, com o faxinalense A.G.

¹⁵ Entrevista realizada em 12/05/2014, com o faxinalense C.B.

ARESUR seria como antigamente tudo comum, sem as cercas, mais o problema que quando era tudo comum o Zattar veio e tomou tudo, vai que aceitamos a ARESUR e vem o Governo e toma tudo de nós de novo, o que nossos pais levaram anos para conquistar, e que a grande maioria está em cima como posseiro ou assentado do INCRA.

O conflito político se dá por meio do vereador local, crítico do sistema faxinal, segundo relatos do vereador, em uma visita a um Faxinal/ARESUR no município de Prudentópolis/ PR, o que se pôde ver lá foi só pobreza e miséria e que os únicos recursos que vieram com a criação da ARESUR foram dois sacos de ração e que os animais estavam morrendo de fome.

Outros relatam que em outros lugares a ARESUR deu certo, por se tratar de áreas menores e que no Faxinal dos Ribeiros não daria certo por ser uma área muito grande, com o faxinal muito desintegrado, alegando muitas vezes que o Faxinal dos Ribeiros tem faxinal somente no nome e em nada lembra um faxinal. Defendendo a ideia de que os recursos (ICMS Ecológico) não chegariam ao faxinal, sendo desviados, assim como em outros municípios.

Nessa trama de grupos prós e contras, o que não faltam são acusações, pois alguns grupos pró ARESUR acusam os que são contra de usar a Associação de Moradores (que hoje encontra-se sobre presidência dos contra ARESUR e Sistema Faxinal) de utilizar deste organismo público para favorecimento próprio, ou seja, da pecuária leiteira, se beneficiando do trator da comunidade e de outros instrumentos e não lutando por interesses comuns como seria o papel da associação, e que a criação da ARESUR seria uma forma de garantir mais recursos à comunidade.

Criam-se concepções precipitadas com relação à criação da ARESUR, principalmente em relação aos recursos que seriam recebidos pela comunidade, entendendo este como uma espécie de “bolsa faxinalense”, vindo de forma individual para cada família.

Observamos que desde a década de 50, o Faxinal dos Ribeiros vem passando por inúmeros processos conflituosos, que embora tenham transformado a organização social do faxinal, a relação com floresta e o ambiente, também permitiram criar formas de resistência. Assim os faxinalenses preservam práticas tradicionais em territórios específicos, o que nos leva a confirmar que não houve extinção dos faxinais conforme a tese de Chang (1988) e o relatório de Marques (2004), mas que devido à dinamicidade do sistema frente aos conflitos, adquiriram novas territorialidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos aqui enumerados no Faxinal dos Ribeiros são oriundos do processo de transformação que a Região Centro-Sul do Paraná passou nas últimas décadas. Estas mudanças foram motivadas principalmente pela modernização do campo, alteração de posse da terra, e desmatamento da floresta com araucária.

Estes processos foram responsáveis pela desintegração dos faxinais, reorganização produtiva e social do sistema e o surgimento de movimentos sociais.

Porém, estas transformações e conflitos territoriais não foram capazes de extinguir esta organização social, como previsto por alguns autores na década de 1980. Ou seja, por meio de novas territorialidades nos faxinais os sujeitos sociais neles integrados recriaram o próprio faxinal, evidenciando a dinamicidade do sistema.

Estas novas territorialidades, em decorrência dos conflitos, permitem aos faxinais buscar e manter as características tradicionais num processo de integração sistêmica e também integrar-se socialmente sem perder aquilo que é característico ao faxinal.

Todas essas transformações apresentadas no Faxinal dos Ribeiros contribuíram para algumas especificidades deste faxinal, que não constitui um único território, mas territórios, com geografias próprias, construídas historicamente por meio das diferentes dimensões econômica, política e cultural, onde a natureza é vista como recurso para a organização social, para a manutenção de territorialidades que foram alteradas com os conflitos, mas que não perderam suas características.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA. A.W.B.. SOUZA.R.M.(orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009, 183p..

AYOUB. D. Os posseiros do Pinhão-conflitos e resistência frente a indústria madeireira. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013, pp. 151-172.

CHANG. M.Y.. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. 123p..

GOMES. M.F.V.B.. **Cartografias da Paisagem**: Trajetória Socioambiental de Guarapuava. Guarapuava. Ed. UNICENTRO, 2012.

HAURESKO. C.. **Lugares e Tradições**: As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Guarapuava: UNICENTRO, 2012. 278 p..

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná**. Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná

MEIRA. A.M.K.. VANDRESEN. J.C.. SOUZA. R.M. Mapeamento Situacional dos Faxinais no Paraná. In: ALMEIDA. A.W.B.. SOUZA.R.M.(orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009, pp. 113-131.

PARANÁ. Decreto n. 3.44614 de agosto de 1997. Dispõe sobre as ARESUR – Áreas Especiais de Uso Regulamentado. **Diário Oficial do Paraná**, Curitiba, 1997.

PESSÔA. V.L.S.. Geografia e Pesquisa Qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. In: **Geo UERL**- Rio de Janeiro, ano 14, nº. 23, v.1, 1º semestre de 2012, p. 4-18.

PINHÃO. Decreto n. 1354/2007. Dispõe sobre os chamados faxinais de Pinhão. **Diário Oficial do Município**, Pinhão, 2007.

PORTO. L.; AYOUB.D.. Contextualização: breve histórico sobre Pinhão/PR. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013, p. 137-149.

PORTO-GONÇALVES. C. W. **A Globalização da natureza e natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 457p..

QUEIROZ. D.T.. Vall. J.. SOUZA. A.M.A.. VIEIRA. N.F.C.. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na área da saúde. **Revista Enferm UERG**, Rio de Janeiro, 2007, abr./jun; 12 (2): 276-283.

SAHR. C.L.L.. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. In: **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008. p. 213- 226.

SALLES. J. O.. João José Zattar S.A.: disputas sociais, legitimidade, legalidade. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013, pp. 249-294.

SCRIBANO, Adrián. **El proceso de investigación social cualitativo**: Buenos Aires: Prometeo, 2008.

SONDA. C.; BERGOLD.R.C.; Paraná: terra, floresta e gentes. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013. pp. 15-40.